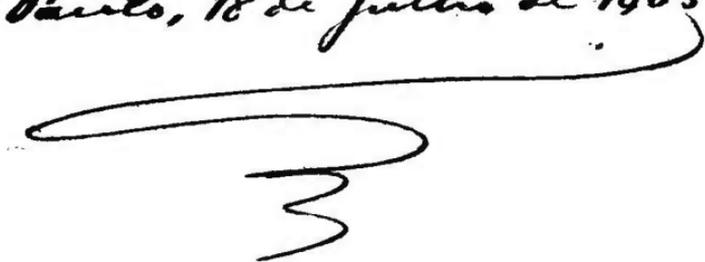


PRECEITOS
DA
VIDA HUMANA
OU
OBRIGAÇÕES
DO HOMEM E DA MULHER
SEGUNDO
O DEVER DA JUSTIÇA
PELO
VISCONDE DE CAYRU

RIO DE JANEIRO
PUBLICADO E À VENDA EM CASA DE
EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT
68 rua do Ouvidor 68

João Lourenço Leite Moraes.

S. Paulo, 18 de Julho de 1903



P
297

PRECEITOS DA VIDA HUMANA

OU

OBRIGAÇÕES

DO HOMEM E DA MULHER

*para
Luzianda da Paizol*



Joel de Silva Lisboa

RIO DE JANEIRO

PUBLICADO E À VENDA EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, 77



INTRODUÇÃO

INCLINAI as cabeças para a terra, ó habitantes do mundo ; guardai silencio, e recebei com reverencia a instrucção do alto.

Por toda a parte que o sol illuminou com o seu resplendor , por toda a parte onde sopra o vento, por toda a parte onde houver ouvido para ouvir, e uma alma capaz de perceber, se publi-

quem os preceitos da vida humana : e as maximas da verdade sejam honradas, e obedecidas.

Todas as cousas procedem de Deos, seu poder é sem limites, sua sabedoria é de toda a eternidade : sua bondade permanece para sempre.

Elle se assenta no centro enthronizado, e o espirito, que respira, dá vida ao mundo todo.

Toca as estrellas com o dedo, e ellas correm seu curso com alegria.

Anda por fóra sobre as azas do vento, e executa sua vontade por todas as regiões do espaço sem limite.

A ordem, a formosura, a belleza, emanão da sua mão.

A voz da sabedoria falla nas suas obras,

mas o entendimento humano não chega a compreendê-la.

A sombra da intelligencia passa por cima do animo humano á maneira de um sonho : elle vê como nas trevas, raciocina, e engana-se.

Mas a sabedoria de Deos é como a luz do céo, elle não faz raciocinio ; seu animo é a fonte da verdade.

A justiça e a misericordia, diante do seu throno. esperão as suas ordens ; a benevolencia e o amor resplandecem no seu semblante para sempre.

Quem ignala o Senhor na gloria ? Que poder contenderá com o Omnipotente ? Iguala-o alguem na sabedoria ? E podemos nós comparar a bondade de alguem com a sua ?

É este mesmo Deos. ó homem que te

VIII

creou : a tua duração na terra é fixada por sua ordem. Os poderes do teu animo são as dadivas da sua bondade ; as maravilhas da tua fabrica são obras da sua mão.

Ouve pois a sua voz, porque ella é benigna, e todo aquelle, que attende, estabelecerá a sua alma em paz e alegria.



PARTE I

DAS OBRIGAÇÕES QUE DIZEM RESPEITO AO HOMEM

CONSIDERADO COMO INDIVÍDUO

SECÇÃO I.



A Consideração.

Medita no teu coração, ó homem, e considera para que fim foste creado.

Contempla as tuas forças, contempla as tuas necessidades, e as tuas relações ; desta sorte virás no conhecimento das obrigações

desta vida, e serás conduzido, como pela mão, por todos os teus caminhos.

Não te atrevas a fallar, ou a obrar, antes de teres bem ponderado todas as tuas palavras, e feito exame particular das suas consequenciãs : obrando desta sorte, a deshonra voará mui longe de ti, e no teu domicilio a vergonha será desconhecida ; o arrependimento não te visitará, nem a tristeza pousará no teu rosto.

O homem de leveza de entendimento não soffre freio na sua lingua, discorre sem principios, e vê-se embaraçado com a loucura do seu proprio raciocinio.

À semelhança de um homem, que correndo apressadamente, salta ao través de uma cova, expondo-se a cahir em um poço, em que elle não lança os olhos ; assim obra um

homem que subitamente se precipita a obrar alguma acção, sem bem ponderar suas consequencias.

Ouve pois, meu filho, attentamente a voz da consideração que te admoesta; as suas palavras são palavras de sabedoria, e seus caminhos te levarão ao gozo da segurança e da verdade.

SECÇÃO II.

**A Modestia.**

Quem és tu, ó homem, que te jactas da tua propria sabedoria ? ou por que motivo te glorias da tua propria erudição ?

O primeiro passo no caminho da sabedoria é o conheceres que és ignorante, e se não queres ser tido por mentecapto no conceito dos outros , livra-te da loucura de seres sabio no teu proprio conceito.

Da mesma sorte que um vestido liso orna melhor uma mulher formosa, assim uns modos honestos fazem o maior ornamento da sabedoria.

A falla de um homem modesto dá novo lustre á verdade, e a desconfiança com que profere suas palavras faz a apologia de seu erro.

Este não se estriba na sua propria sabedoria, pondera os conselhos de um amigo, e delles colhe fructo sazonado.

Afasta os ouvidos do seu proprio louvor, e não o póde acreditar: elle é o ultimo no descobrimento das suas proprias perfeições.

Comtudo, qual um véo, que augmenta a formosura assim suas virtudes, assistidas pelas sômbrias, com que a sua modestia as encobre, se fazem mais resplandecêntes.

Mas vê o homem vaidoso, e observa o soberbo; elle veste-se de esplendidos vestidos, passa pelas ruas publicas, lança ao redor de si os olhos, e sollicita que o observem.

Levanta soberbamente a cabeça, e olha os pobres com summo desprezo; trata os seus inferiores com insolencia, e os seus superiores por paga olhão a sua soberba e loucura com riso.

Elle despreza os juizos dos outros, confia no seu proprio conselho, e vê-se confundido.

Ensoberbece-se com as suas vaidosas imaginações; todo o seu recreio é ouvir fallar de si uesmo desde a manhã até á noite.

Traga com voracidade o seu proprio louvor, e o lisongeiro por paga o come todo.

SECÇÃO III.

**A Applicaçãõ.**

Já que os dias que se têm passado passá-
rão para sempre, e os que hão de vir não
virão para ti, pertence-te, ó homem, occu-
pares o tempo presente, sem sentires mágoa
pelo preterito, ou nimiamente confiares no
futuro.

O presente momento é teu, o outro está no ventre do futuro ; e tu ignoras o que elle dará á luz.

Qualquer cousa que te resolveres fazer, faze-a sem demora, não deixes para a tarde o que de manhã podes completar.

A ociosidade é mãe da pobreza e do tormento, mas o trabalho da virtude origina um verdadeiro prazer.

A mão da diligencia vence a pobreza ; a prosperidade e a ventura são servos do homem laborioso.

Quem é, que adquire riquezas, que se eleva ao poder, que se reveste de honras, de quem se falla pela cidade com louvor, e que assiste na presença da magestade aos seus conselhos ? Aquelle que nega entrada á ocio-

sidade dentro do seu domicilio, e diz á frouxidão: tu és minha inimiga.

Este levanta-se cedo pela manhã, e deita-se tarde á noite; exercita o seu animo com a contemplação, o seu corpo com a actividade, e assim conserva a saude tanto de um como de outro.

O homem vagaroso é molesto a si mesmo, suas horas lhe fazem grande peso no seu animo, desperdiça o tempo, e não sabe o que deve obrar.

Seus dias passam como a sombra de uma nuvem, e não deixão após de si vestigio algum de ter jámais existido.

Seu corpo é sujeito a enfermidades, por falta de exercicio; deseja ser activo, mas não tem poder para se mover, seu animo jaz no meio das trévas, seus pensamentos

são confusos ; appetee a sabedoria, mas falta-lhe a applicação. Quer comer da amendoa, mas aborrece-lhe o trabalho de lhe quebrar a casca.

Sua casa se perturba ; seus servos estra-gão-o, e se ensoberbecem ; e elle apressa-se á sua ruina. Vê-o com seus olhos, ouve-o com seus ouvidos ; sacode a cabeça, mas falta-lhe a resolução ; até que a ruina cahe sobre elle á maneira de um redomoinho de vento, e a vergonha e arrependimento des-cem com elle para a sepultura.

SECÇÃO IV.

**A Emulação.**

Se a sêde da honra se apodera da tua alma,
se o teu ouvido se recreia de alguma sorte
com a voz do louvor, levanta-te da terra da
qual foste formado, e eleva as tuas idéas a
alguma coisa louvavel.

A mangueira que agora estende os seus

ramos, e os dirige para o céo, não foi antigamente mais que um caroco enterrado nas entranhas da terra.

Esmera-te em seres superior na tua vocação, qualquer que ella seja, e não permittas que outro te exceda na tua intenção ; contudo não tenhas inveja do merecimento alheio, mas augmenta quanto couber no possivel os teus proprios talentos.

Tem horror de opprimir teu emulo' por meios de vileza, ou indignos de homem de bem ; tenta o elevar-te acima d'elle, sómente excedendo-o : desta sorte a tua contenta pela victoria será coroada com honra, e talvez com successo.

Por uma virtuosa emulação, o espirito do homem se exalta e ennobrece, palpita o seu coração para alcançar a gloria, e se alegra á

maneira de um volante para correr a sua carreira.

Elle se eleva á semelhança da palmeira, apesar de ser opprimido ; e á maneira de uma aguia no firramento dos céos, toma alto vôo, e fixa seus olhos sobre a magestade do sol.

Os exemplos dos homens eminentes se lhe representão por sonho, e seu prazer é sempre segui-los e imita-los.

Forma grandes designios, alegra-se na sua execução, e sua fama se estende por toda a redondeza da terra.

Mas o coração do homem invejoso é todo fel e amargura, sua boca lança de si veneno ; a felicidade de seu vizinho perturba o seu descanso.

Jaz no seu cubiculo lastimando-se, e todo

o bem que a outro acontece é para elle um verdadeiro mal.

O odío, a inveja alimentão-se no seu co-
ração, e nelle se não acha socego.

Sente seu proprio peito destituído de todo
o amor do bem ; e temerario forma o mesmo
juizo de seu vizinhø.

Esmera-se em abater todo aquelle, que o
excede, e interpreta maliciosamente todas as
suas obras.

Põe-se á espreita, e medita cousas mal-
vadas, mas a detestação dos homens o per-
segue, fica comprimido, qual a aranha na
sua propria teia.

SECÇÃO V.

**A Prudencia.**

Dá ouvido ás palavras da prudencia, attende aos seus conselhos, e enthesoura-os no teu coração : as suas maximas são universaes , e todas as virtudes se encostão a seu lado, ella é a guia e a senhora da vida humana.

Põe um freio na tua lingua, e uma guarda ante os teus beiços, com receio que as palavras da tua boca deitem a perder a tua paz e sócego.

Aquelle que escarnece dos aleijados, acautele-se que elle mesmo não manqueje : todo aquelle, que falla com gosto dos defeitos alheios, ouvirá dos seus proprios com o coração cheio de amargura.

Do fallar muito nasce o arrependimento ; mas do silencio a segurança.

Um homem loquaz serve de detrimento á sociedade ; o ouvido molesta-se com as suas muitas parvoices ; a torrente das suas palavras suffoca a conversação.

Não te vanglories de ti mesmo , pois isto dará causa a teu desprezo : nem escarneças de pessoa alguma, porque é cousa perigosa.

Uma graça amarga é o veneno da amizade ; e quem não pôde refrear a lingua, terá por castigo trabalhos.

Faze provisão de todas as commodidades idoneas para teu estado, mas não despendas quanto admittem as tuas posses, para que a providencia da tua mocidade seja a consolação da tua velhice.

Emprega toda a tua attenção nos teus proprios negocios, deixa o cuidado do Estado áquelles que o governão.

Não faças nimias despezas com os teus divertimentos, afim que o trabalho de os alcançar não exceda o prazer, que tens em os gozar.

Nem soffras que a prosperidade arranque os olhos da circumspecção, nem que a abundancia córte as mãos da parcimonia :

aquelle que nimiamente goza das superfluidades da vida, vivirá para lamentar a falta do preciso.

Não dêes credito a ninguem, antes de o teres experimentado ; comtudo não descon-fies delle sem razão , pois isto é falta de caridade.

Mas depois de teres provado um homem, e descoberto nelle principios de honra, encerra-o no teu coração como um thesouro , considera-o como uma joia de preço inestimavel.

Não queiras aceitar os favores de um homem interessado ; rejeita as benignas offer-tas de uma pessoa malvada, ellas serão para ti um enredo . e o jugo que te impuzer gravará tua alma.

Não gastes hoje o que amanhã pode-

rás carecer, nem deixes ao acaso o que a perspicacia póde precaver, ou o cuidado prevenir.

Da experiencia dos outros aprende sabedoria , e dos seus defeitos corrige teus propios erros. Comtudo, não te lisongeies, que a mesma prudencia te dará um infalível successo, pois o dia ignora o que a noite trará comsigo.

O idiota não é sempre desafortunado, nem o sabio sempre bem succedido ; porém jámais o idiota gozou de perfeita felicidade, nem o sabio foi inteiramente infeliz.

SECÇÃO VI.

**A Fortaleza.**

Os perigos, as infelicidades, as necessidades, as penas, as injurias são mais ou menos o fado certo de todo o homem, que vem a este mundo.

Convém-vos pois, ó filhos da calamidade, de antemão revestir-vos de esforço e

paciencia, para poderdes supportar com animo a porção da humana miséria, que vos está destinada.

Á semelhança do camello que soffre o trabalho, o calor, a fome, a sêde, por desertos de areia, e não desmaia, a fortaleza do homem o sustentará no meio dos perigos e das desgraças.

Uma alma generosa despreza a malignidade da fortuna, a grandeza de seu espirito jámais se deixa abater.

Quem obra desta maneira não consente que a sua felicidade penda dos agrados da fortuna, e por este motivo, quando ella carrega a sobancelha, não experimenta desfallecimento.

Qual um rochedo na praia do mar, elle

se sustenta com firmeza, e o açoute das ondas não perturba o seu descanso.

Levanta a cabeça á maneira de uma torre edificada sobre um monte, e as settas da fortuna cahem a seus pés sem lhe causar damno.

No dia de sua infelicidade, a fortaleza de seu coração o sustenta, e a firmeza de seu animo o defende.

Encontra os males desta vida, como um homem, que tendo valorosamente pelejado, e vencido a batalha, volta com a victoria na mão.

Debaixo do peso de seus infortunios, sua brandura mitiga o seu sentimento; e a constancia de seu animo o habilita para os vencer.

Mas o espirito cobarde de um homem medroso o entrega á vergonha.

Encolhendo-se debaixo da pobreza, se abate com vileza, e soffrendo affrontas convidada ás injurias.

Como uma canna se abala com o halito do ar, assim a sombra do mal o faz estremecer.

Na hora de suas desgraças vê-se embaraçado e confuso, no dia do infortunio descoroção, e a desesperação se apodera inteiramente da sua alma.

SECÇÃO VII.

**1 Contentamento.**

Não te esqueças, ó homem, que o teu estado na terra é signalado pela sabedoria do Eterno, que conhece o teu coração, que vê a vaidade de todos os teus desejos, e que frequentemente pela sua misericórdia te nega o que lhe pedes.

Comtudo, no que respeita a todos os teus licitos desejos, a todos os teus esforços honrados, a sua benevolencia tem estabelecido na natureza de tudo uma probabilidade de successo.

Os desgostos que tu sentes, os infortunios que lastimas, eis aqui a raiz d'onde elles nascem : a tua propria loucura, a tua propria soberba, a tua propria imaginação desordenada.

Não murmures pois das dispensações do Altissimo, mas emenda o teu proprio coração, nem digas a ti mesmo — se eu tivesse riquezas, ou poder, ou descanso, seria feliz ; pois sabe que todas estas cousas trazem comsigo aos seus differentes possuidores seus particulares incommodos.

O pobre não vê as vexações e angustias

do rico , não sente as difficuldades e perplexidades que acompanhão o poder, nem sabe o desgosto que traz consigo a ociosidade ; e por este motivo é que elle se lastima da sua propria sorte.

Mas não invejes a apparencia da felicidade do teu proximo, pois ignoras as suas occultas afflicções.

O estares satisfeito com pouco é a maior sabedoria ; e quem augmenta as suas riquezas augmenta tambem os seus cuidados ; mas um animo contente é um occulto thesouro, e os trabalhos não o descobrem.

Comtudo, se não permittires os attractivos da fortuna roubarem-te a justiça, ou a temperança, a caridade, ou a modestia, as mesmas riquezas não te farão infeliz.

Mas daqui aprenderás que o calix da fe-

licidade pura e extrema não é de nenhuma sorte bebida para o homem mortal.

A virtude é a carreira que Deus lhe tem dado para correr ; e a felicidade a balisa á qual ninguém póde chegar até ter findado seu curso destinado, e recebido a sua corôa nas habitações da eternidade.

SECCÃO VIII.

**A Temperança.**

O modo com que poderás gozar da maior felicidade, desta parte da sepultura, é o desfructares de são entendimento e saude.

Se possues e queres conservar estas bençãos até á velhice, evita os engodos da luxuria, e foge das suas tentações.

Quando uma meretriz estende seus delicados manjares na mesa ; quando o seu vinho scintilla no teu copo, quando ella se sorri para ti, e tenta persuadir-te que sejas alegre e feliz, então está chegada a-hora de imminente perigo : tenha-se pois a razão bem firme na sua defesa.

Porque se deres ouvido ás palavras de teu inimigo, ficas enganado e entregado.

A alegria, que ella promette, se muda em loucura, e os seus gozos encaminhão para doenças, e para a morte.

Olha para o redor da sua mesa, lança os olhos para seus hospedes, observa aquelles que forão attrahidos com seus afagos, que attendêrão ás suas tentações.

Não são estes macilentos, doentios, languidos ?

Às suas breves horas de alegria e desenvoltura se seguem enfadonhos dias de dôr e abatimento ; ella tem de tal sorte viciado e corrompido seus paladares, que elles já não descobrem sabor algum nos seus manjares os mais deliciosos.

Os seus apaixonados se têm feito as suas victimas ; justa e natural consequencia, que Deos determinou na constituição das cousas, para o supplicio daquelles que abusão de seus beneficios.

Mas quem é esta que com passos graciosos, e com um ar vivo e sereno, parece que vôa pelo prado além ?

A rosa se pinta na sua face ; a doçura da manhã respira nos seus labios, a alegria temperada com a innocencia e a modestia resplandece nos seus olhos, e do prazer do

seu coração canta nos seus passeios: esta appellida-se Saúde.

Ella é filha do exercício, que a gerou da temperança: seus filhos habitão os montes que se estendem por cima das regiões do norte.

Elles são valorosos, diligentes, e vivos, e participão de todas as formosuras e virtudes de sua irmãa.

O vigor aperta seus nervos, a força habita nos seus ossos, e o trabalho faz as suas delicias desde a manhã até á noite.

As occupações de seu pãi estimulão os seus appetites, e os manjares de sua mãi os refrigerão.

O combater as paixões faz as suas delicias, o vencer máus habitos a sua gloria.

Seus prazeres são moderados, e por isso

durão ; seu somno é breve, mas profundo e sem perturbação.

Seu sangue é puro, seus animos socegados, e o medico ignora o caminho para os seus domicilios.

Mas a segurança não habita com os filhos do homem, nem a constancia dentro da sua porta se encontra.

Vê-os continuamente expostos a perigos exteriores, enquanto um traidor de dentro está esperando a occasião de os entregar.

Sua saude, seu vigor, sua formosura, sua actividade , têm excitado os desejos de um amor lascivo.

Ella está copada com o seu arvoredos ; de lá solícita que a observem ; estende suas tentações.

Seus membros são molles e delicados , seus vestidos estão soltos , e convidão ; a leveza falla nos seus olhos, e sobre seu seio se assenta a tentação.

Acena-lhes com o dedo, enternece-os com seus afagos, e com a brandura das suas palavras se esmera em enganar.

Oh ! fuge dos seus attractivos, não dês ouvidos ás suas palavras encantadoras : se tu encontras a languidez dos seus olhos, se ouves a brandura da sua voz ; se ella lança seus braços ao redor do pescoço, prende-te com cadeias para sempre á vergonha ; daqui se segue a doença e a pobreza, os cuidados e o arrependimento.

Debilitado pela libertinagem, afrouxado pela luxuria, amolecido pela preguiça, a

força desampará teus membros, e a saúde teu temperamento; teus dias serão poucos, e esses inglóriosos, tuas afflicções serão muitas, mas não acharáõ compaixão.



PARTE II

—

DAS PAIXÕES

SECÇÃO I.



A Esperança e o Temor.

As promessas da esperança são mais doces que as rosas quando florescem ; e muito mais lisongeiras para com a expectação ; mas os ameaços do temor aterrão o coração.

Comtudo, não permittas que a esperança te allucine, nem o temor te atemorise de

fazeres o que fôr justo e recto ; assim estarás disposto para encontrares todos os eventos com um animo socegado.

Ainda os terrores, que causa a morte, não são terrores para com os bons : guarda a tua mão de commetter algum delicto, e a tua alma não terá nada que temer.

Em todas as tuas empresas, uma bem fundada esperança anime teus honrados esforços : se desesperas de ter bom successo, certamente não o terás.

Não atemorises a alma com vãos temores, nem permittas que o coração em ti desfaleça com os fantasmas da imaginação.

Do temor nasce o infortunio, mas quem conserva a esperança serve-se a si mesmo.

Qual o abestruz perseguido, esconde a cabeça, esquecendo-se do corpo, os temo-

res de um cobarde o expõem a maiores perigos.

Se tu reputas uma cousa impossivel, a tua frouxidão a fará assim ; mas quem persevera constantemente, vencerá todas as difficuldades.

Uma vã esperança lisongeia o coração de um louco ; mas um discreto não a prosegue.

Em todos os teus desejos, conserva sempre a razão por companheira ; e não fixes a tua esperança além dos limites da probabilidade ; obrando assim, tuas empresas serão coroadas de feliz successo, teu coração não se angustiará com enganos.

SECÇÃO II.

**A Alegria e a Tristeza.**

Não te eleves com tão excessiva alegria, que cause a perturbação de teu animo, nem consintas que a tristeza te seja tão pesada, que te opprima o coração : este mundo não nos concede bem algum, que tanto nos transporte, nem nos inflige mal algum, tão

severo, que nos deva exaltar muito acima, ou descer muito abaixo da balança da moderação.

Vê acolá a casa da alegria; ella está pintada por fóra, e parece airosa, tu a poderás conhecer pelo contínuo ruído de alegria, e jubilo, que lá se ouve.

A dama está á porta, e chama com altas vozes a todos os que passam. Ella canta, grita, e dá risadas continuamente.

Ella os convida que entrem para dentro, e que gozem dos prazeres da vida, e lhes diz que estes não se achão em parte alguma, senão debaixo do seu tecto.

Mas não entres dentro da sua porta, nem acompanhes com aquelles, que frequentão sua casa.

Elles se chamão a si os filhos da alegria,

riem, e parecem cheios de contentamento, mas o desatino e a loucura se achão em todas as suas obras.

Elles estão presos com estreitos e malignos vinculos, que os unem, e os seus passos se encaminhão para o mal: os perigos os cercão, e o abysmo da destruição se abre para os sepultar.

Lança agora os olhos para o outro lado, e vê naquelle valle coberto de sombras, escondido da vista dos homêns, a habitação da tristeza.

Sen peito arranca suspiros, sua boca se enche de lamentações, toda se recreia meditando sobre as miserias da vida humana.

Olha para os ordinarios infortunios da vida, e chora: a fraqueza e maldade do homem é o assumpto de seus discursos.

Toda a natureza figura-se-lhe cheia de iniquidade ; todo o objecto, que vê, está unto com a escuridade do seu proprio animo; e a voz do pranto, de dia e de noite, entristece sua habitação.

Não te approximes de sua morada ; seu halito é inficionado, ella queimará os fructos, e fará murchar as flôres, que adornão e dulcificação o jardim da vida.

Evitando a casa da alegria, guarda teus pés de te entregarem aos confins desta triste pousada, e segue com cuidado o caminho médio, que te levará por uma facil subida ao templo do contentamento.

Com elle habita a paz, a segurança e a tranquillidade. Elle é airoso, mas não alegre ; é sério, mas não pesado ; olha as alegrias

e as tristezas da vida com constancia e serenidade.

Daqui, como de uma eminencia, verás a loucura e miseria daquelles, que conduzidos pela alegria de seus corações, tomão a sua pousada junto aos companheiros do prazer e da alegria matirosa ; ou que inficionados com tristeza e melancolia passão todos os seus dias queixando-se amargamente das miserias e calamidades da vida humana.

Olharás uns e outros com compaixão, e o erro de seus caminhos guardará teus pés de vaguearem.

SECÇÃO III.

**A Colera.**

À semelhança de um redomoinho no seu furor, que arranca arvores pelas raizes, e desfigura a face da natureza ; ou á semelhança de um terremoto, que nas suas convulsões subverte cidades inteiras ; assim a colera de um homem irado lança ao redor

delle desfavoraveis successos ; o perigo e a destruição o esperão a seu lado.

Mas considera, e não te esqueças da tua propria fraqueza ; assim saberás perdoar as faltas dos outros.

Não te entregues á desenfreada paixão da colera ; isto seria o mesmo que afares uma espada para ferires o teu proprio peito, ou matares um amigo.

Se soffreres leves impróperios com paciencia, isto se te imputará por sabedoria ; e se os riscares da tua lembrança, teu coração sentirá descanso, teu animo não te arguirá.

Não vês que o homem irado perde o seu entendimento? Enquanto estás em teu juizo perfeito, sirva-te de exemplo a demencia alheia.

Não obres cousa alguma , enquanto a paixão te governa : porque has tu de querer ir para o mar em uma violenta tempestade ?

Se te é difficultoso o regeres á tua colera, obrarás sabiamente evitando-a : foge pois de tudo o que póde encender a tua colera, ou evita as occasiões, que a possão excitar.

O louco ira-se com ditos insolentes, mas o sabio tem-os em summo desprezo.

Não dêes á vingança entrada no teu peito ; isto te atormentará o coração, e desfigurará suas melhores inclinações.

Sê sempre mais prompto a perdoar, que a viingar uma injuria : quem procura uma occasião para a vingança, procura o seu proprio desassocego, e arrasta infortunios sobre sua propria cabeça.

Uma branda resposta ao homem irado,

como agua lançada sobre o fogo, abate seu calor ; e de inimigo se torna amigo.

Considera quão poucas cousas merecem a tua ira, e te espantarás que pessoa alguma, não sendo louca, se agaste.

A colera traz sua origem da loucura, ou da fraqueza ; mas conserva na lembrança, e tem por certo, que poucas vezes acaba sem o arrependimento.

Diante da loucura anda a vergonha ; após a ira segue-se o remorso.

SECÇÃO IV.

**A Compaixão.**

Assim como as flôres e folhas se espalhão sobre a terra pela mão da primavera ; assim como a liberalidade do verão produz na sua perfeição as dadas da colheita ; da mesma sorte os olhos da compaixão derramão bênçãos sobre os filhos da infelicidade.

Quem se compadece das miserias alheias, faz-se recommendavel a si mesmo : mas quem não tem compaixão, não a merece.

O cortador não se condóe dos balidos da ovelha ; nem o coração do cruel se move com as desgraças.

Mas as lagrimas dos compadecidos são mais doces do que as gottas do orvalho, que cahem das rosas sobre o seio da terra.

Não feches pois os ouvidos aos clamores dos pobres, nem endureças o coração, contra as calamidades dos innocentes.

Quando os orphãos te procurão, quando o coração da viuva está opprimido, e implora a tua assistencia com lagrimas de tristeza, oh ! compadece-te da sua afflicção, e estende a mão áquelles que não têm quem os socorra.

Quando vês o nú vagabundo nas ruas, tremendo com frio, e falta de habitação, abra a liberalidade teu coração, as azas da caridade o defendão da morte, afim de que tua propria alma possa viver.

Emquanto o necessitado geme sobre o leito da doença, emquanto os desgraçados esmorecem nos horrores de uma prisão ; ou a cabeça cheia de cans da velhice se vira para ti com olhos debeis , supplicando tua compaixão , oh ! como pódes ser estragado, gozando de superfluidades , desprezando as suas necessidões, não sentindo as suas misérias ? !

SECÇÃO V.

**O Desejo e o Amor.**

Acautela-te, mancebo, acautela-te dos attractivos da obscenidade, e não te deixes levar pela meretriz a inebriar-te com os seus prazeres.

A loucura do desejo lançará a perder o que elles appetecem ; da cegueira do seu furor te precipitarás na tua propria ruina.

Não entregues pois teu coração ás suas doces instigações, nem soffras que a tua alma caia na escravidão pelos seus illusorios encantos.

A fonte da saude, que deve supprir a corrente do prazer, brevemente seccará ; e toda a origem da alegria será exaurida.

Na primavera da tua vida, a velhice te alcançará, teu sol se porá na manhã de teus dias.

Mas quando a virtude e a modestia dão ornamento a seus encantos, o lustre de uma mulher formosa tem resplendor igual ás estrellas do céo, e a influencia do seu poder é inteiramente irresistivel.

A brancura do seu rosto excede á do lirio ; seu riso é mais delectavel do que um jardim de rosas.

A innocencia de seus olhos assemelha-se á da rôla ; a simplicidade e a verdade habitão no seu coração.

Os osculos da sua boca são mais doces que o mel ; os aromas da Arabia respirão dos seus labios.

Não feches pois teu peito á ternura do amor ; a pureza da sua chamma ennobrece teu coração, e o abrandará para receber as melhores impressões.



PARTE III

—

A MULHER.

A MULHER.



Dá ouvido, ó tu que és formoso objecto dos attractivos do amor, ás instrucções da prudencia, e consente que os preceitos da verdade se imprimão profundamente no teu coração : assim os encantos de teu animo accrescentaráõ um vivo lustre á elegancia da tua fórma ; e a tua belleza, assim como a rosa, a que se assemelha conservará a sua doçura quando sua flôr se murche.

Na primavera da tua mocidade, na manhã dos teus dias quando os olhos dos homens te admirão com deleite, e a natureza te diz brandamente ao ouvido o que significão as suas vistas, oh! ouve com cautela as suas palavras allucinadoras, guarda bem ten coração nem dês ouvido ás suas ternas persuasões.

Lembra-te que foste creada para companheira racional do homem, não para escrava da sua paixão; o fim do teu ser não é meramente para gratificares seus licitos desejos, mas para lhe assistires nos trabalhos da vida, para o pacificares com a tua brandura, e para recompensares o seu enidado com ternas caricias.

Qual é a donzella, que ganha o coração

do homem , que o attrahê a amar e reina no seu peito ?

Ei-la ali passeando com doçura virginal: com innocencia no seu animo , e modestia na sua face.

Sua mão procura occupação , seus pés não se deleitão vagueando por fóra.

Ella está vestida com limpeza é alimentada com a temperança ; a humildade e a submissão , qual uma corôa de gloria cingem sua cabeça.

Na sna lingua se acha a musica, a doçura do mel se derrama de sens labios.

A decencia resplandece em todas as snas palavras , nas snas respostas reina a franqueza e a verdade.

A submissão e a obediencia são as lições

da sua vida , e a paz e felicidade constituem sua recompensa.

Diante de seus passos anda a prudencia e a virtude acompanha-a á sua mão direita.

Seus olhos fallão a ternura e o amor; mas a discrição com um sceptro pousa no seu semblante.

A lingua do liceucioso embarça-se na sua presença . o respeito da sua virtude o faz estar silencioso.

Quando ha escandalo . e a fama de seu vizinho passa de lingua a lingua, se a caridade e o bom genio não abrem a sua boca, o dedo do silencio não se aparta de seus labios.

Em seu peito habita a bondade, e por isso não suspeita mal algum em os outros.

Feliz seria o homem que a fizesse sua esposa, feliz o filho que a chamasse mãe.

Ella preside em casa e ahí reina a paz ; manda com juizo, e lhe obedecem.

Levanta-se de madrugada, considera as suas occupações, e determina a cada um o que lhe pertence.

O cuidado da sua familia é seu maior deleite; a isso applica todo o seu cuidado, e a decencia e frugalidade se admira na sua morada.

A prudencia de seu governo condecora a seu marido, e elle ouve o seu louvor com mui singular prazer.

Ella instrue os tenros auinhos dos seus meninos com sabedoria forma seus costumes, e os inclina para a bondade com seu proprio exemplo.

Os sens dictames estabelecem a lei da sua mocidade ; o movimento de seus olhos clama pela sua obediencia.

Falla , e seus servos vôão ; aponta, e logo se cumpre o que ordena : a lei do amor está no seu coração ; sua benignidade lhes dá azas.

Na prosperidade, não se ensoberbece : na adversidade , sára as feridas dos infortunios com a paciencia.

Os trabalhos de seu marido se allivião com os seus conselhos, e se adoção com as suas caricias; elle deposita o seu coração no seu peito , e recebe consolação.

Feliz o homem que a elegeu por esposa ; feliz o filho que a chama mãe.



PARTE IV

—

A CONSANGUINIDADE OU PARENTES NATURAES.

SECÇÃO I.



Marido.

Constitue a quem amas tua mulher, obedece ao que Deos ordena ; e faze-te um fiel membro da sociedade.

Mas examina com cuidado, e não determines subitamente ; da tua presente eleição depende a futura felicidade de ti e de teus descendentes.

Se desperdiça muito tempo em se vestir e adornar, se se namora da sua propria belleza, e se deleita com o seu proprio louvor; se ri-se muito, e falla alto; se seus pés não pârão na casa de seu pai, e se olha descarada para os rostos dos homens, inda que a sua belleza fosse como o sol no firmamento dos céos, volta a tua cara dos seus encantos, volta os teus pés dos seus caminhos, e não permittas á tua alma o captivar-se pelas illuções da tua imaginação.

Mas quando descobres sensibilidade do coração, unida com a doçura dos costumes: um animo completo, que agrade á tua fantasia, toma-a para tua casa, ella é digna de ser tua amiga, tua companheira para a vida, a mulher do teu peito.

Oh! conforta-a como uma benção, que o

Céo te envia; o modo benigno de te comportares com ella sirva de estreito vinculo ao teu amor.

Ella é senhora da tua casa, trata-a pois com respeito , para que os teus servos a obedeção.

Não te opponhas sem causa grave ás suas inclinações ; ella é a companheira dos teus cuidados, constitue-a tambem companheira dos teus gostos.

Reprova as suas faltas com brandura, não insistas rigorosamente sobre a sua obediencia.

Fia os teus segredos do seu peito, seus conselhos são sinceros, com elles não ficarás enganado.

Sé fiel ao seu leito ; pois ella é a mãe dos teus filhos.

Quando a dôr e a doença a assaltem, tua ternura allivie sua afflicção : uma tua vista de compaixão e de amor suavizará os seus cuidados, e mitigará a sua dôr, e lhe aproveitará mais que dez medicos.

Considera a delicadeza de seu sexo, a brandura da sua fórmula, e não sejas severo para com as suas fraquezas, mas lembra-te da tua propria imperfeição.

SECÇÃO II.

**Pai.**

Considera tu que és pai ; a importancia do teu cargo , o ser que tens produzido pertence-te conserva-lo.

De ti tambem depende, se o filho do teu peito te será uma benção, ou um castigo do Céu ; um util, ou um inutil membro da sociedade.

Prepara-o cedo com instrucção, e sazona seu animo com as maximas da verdade.

Espreita a propensão da sua natureza, dirige-o rectamente na sua mocidade, e não permittas nenhum máo habito fortificar-se com os seus annos.

Assim elle se elevará á maneira de um cedro sobre as montanhas; sua cabeça se verá por cima das arvores das florestas.

Um filho perverso faz o opprobrio de seu pai; mas aquelle que obra rectamente condecora suas cãas.

O terreno é teu proprio, não devcs faltar a cultiva-lo; a semente que semeias, essa mesma colherás.

Ensina-lhe a obediencia, e elle te abençoará: ensina-lhe a modestia. e se não envergonhará.

Ensina-lhe a gratidão, e receberá benefícios : ensina-lhe a caridade, e será amado.

Ensina-lhe a temperança, e terá saúde : ensina-lhe a prudencia, e será bem sucedido.

Ensina-lhe a justiça, e todo o mundo o respeitará : ensina-lhe a sinceridade, e o seu proprio coração não o arguirá.

Ensina-lhe a diligencia, e suas riquezas se augmentaráõ : ensina-lhe a benevolencia, e seu animo se exaltará.

Ensina-lhe a sciencia, e sua vida será util : ensina-lhe a religião, e sua morte será feliz.

SECÇÃO III.

**Filho.**

De todas as creaturas de Deos o homem aprenda a sabedoria ; e applique a si mesmo as instrucções, que ellas lhê subministrão.

Vai para o deserto, meu filho, observa a nova cegonha das florestas ; falle esta a teu coração ; ella sustém sobre as suas azas seu pai

quebrantado com os annos; deposita-o em segurança, e lhe procura o seu alimento.

A piedade de um filho é na verdade mais doce, do que o incenso da Persia, de que se faz oblação ao sol. Sim, é ainda mais delectavel, que os cheiros que o vento oéste faz respirar de um prado de especiaria arabica.

Sê pois grato a teu pai, porque te deu a vida; e a tua mãe, porque padeceu por tua causa.

Ouve as suas palavras, porque são dirigidas ao teu proveito; dá-lhe ouvido quando te admoesta, porque é effeito de seu amor.

Elle tem vigiado para tua felicidade, tem laborado para teu descanso: dá pois honra á sua velhice, e não permittas que as suas cãas sejam tratadas irreverentemente.

Reflecte sobre a tua debil infancia, e im-

pertinencias da tua mocidade ; trata com indulgencia as enfermidades de teus pais, alcançados pelos annos ; assiste-lhes, e protege-os na decadencia de sua idade.

Desta sorte suas cabeças cobertas de cãs desceráõ em paz para a sepultura, e teus proprios filhos, reverenciando teu exemplo, pagaráõ a tua caridade com um filial amor.

SECÇÃO IV.**Irmãos.**

Vós sois filhos de um só pai, alimentados pelo seu cuidado, e o peito de uma só mãe vos tem dado sustento.

Unão-vos pois os vinculos do affecto com os vossos irmãos, afim de que a paz e a felicidade habitem na casa de vosso pai.

E quando no mundo vos apartardes, lembrai-vos do parentesco, que vos obriga a vos amardes mutuamente, e a vos unirdes ; e não prefirais um estranho ao vosso proprio sangue.

Se vosso irmão está na adversidade, assisti-lhe ; se vossa irmã estiver vexada, não a desampareis.

Praticando estes conselhos, osbens de vossos pais contribuiráõ ao soccorro de toda a sua descendencia, e o sea cuidado se continuará para comvosco pelo mutuo amor que fareis reinar entre vós.



PARTE V

A PROVIDENCIA

OU

AS DIFFERENÇAS CASUAES ENTRE OS HOMENS.

SECÇÃO I.



Sabios e ignorantes.

Os dotes dos talentos da natureza são os thesouros de Deus, que os distribue conforme é servido.

Se te dotou de sabedoria, e illuminou teu animo com o conhecimento da verdade, communica-a aos ignorantes para seu ensino, e aos sabios para seu proveito.

A verdadeira sabedoria tem menos presumpção que a loucura. O sabio frequentemente duvida, e muda de parecer. O louco é obstinado, e de nenhuma sorte duvida; julga que tudo conhece, e ignora sua propria ignorancia.

A soberba e a vaidade são cousas abominaveis, e o fallar muito é a maior de todas as loucuras.

Mas ao sabio pertence o soffrer a impertinencia do louco, ouvir seus absurdos com paciencia, e compadecer-se da sua desgraça.

Porém não te vanglories no teu proprio coração, nem te jactes de superior entendimento: o mais claro conhecimento humano não é outra cousa alguma, que cegueira e loucura.

O sabio sente as suas imperfeições, e fica humilhado; de balde se cansa em conseguir a sua propria approvação.

O louco, pelo contrario, olha como por uma fresta dentro da superficial corrente do seu proprio animo, e fica gostoso com as pedrinhas que descobre no fundo: tira-as para cima, e mostra-as como perolas; e o inutil applauso de seus irmãos é suas maiores delicias.

Vangloria-se de seus progressos em cousas de nenhuma importancia; mas onde o ser ignorante é desprezo, ali não tem elle entendimento.

No mesmo caninho da sabedoria fatiga-se com extravagantes empresas; e a vergonha e frustraões são o infallivel premio de seu trabalho.

Mas o sabio cultiva seu animo com a sciencia; o adiantamento das bellas-artes faz todas as suas delicias; e a utilidade que o publico colhe das suas fadigas cinge uma corôa de triumphante louro ao redor da sua cabeça.

Este comtudo está persuadido que a cultura das virtudes é a mais sublime sabedoria; e a sciencia da felicidade o occupa em todo o tempo da sua vida.

SECÇÃO II.

**Riches e pobres.**

O homem a quem Deos tem dotado com riquezas, e abençoado com um animo para dellas fazer um recto uso, se póde olhar como particularmente favorecido e altamente distincto pela Providencia.

Contempla com prazer suas riquezas, pois lhe subministra meios de ser caritativo.

Protege os pobres, e defende-os das injurias ; não permite que o poder dos ambiciosos sirva de oppressão aos humildes.

Procura por toda a parte objectos dignos de compaixão, inquire as suas necessidades, dá-lhe allivio com prudencia, e sem ostentação.

Ajuda e premeia o verdadeiro merecimento, anima a industria, e liberalmente anima todo o designio que redunde em algum proveito.

Emprehende e executa grandes obras, enriquece sua patria, e occupa o jornalciro, excogita novos systemas, e as artes liberaes se augmentão.

Considera que a superabundancia da sua mesa pertence aos necessitados, e não os quer privar do seu direito.

A benevolencia de seu espirito não recebe diminuição alguma pelo augmento da sua fortuna.

Possue pois as suas riquezas com muita alegria ; e o seu contentamento não é digno de se criminar.

Mas miseravel daquelle que accumula riquezas em abundancia, e se alegra só de as possuir.

Que faz dos pobres seus escravos, e não attende ao suor de seu rosto.

Que floresce com a oppressão, sem que seu espirito se compadeça ; a quem a calamidade de seu irmão não causa desassocego.

Este se alimenta com as lagrimas dos orphãos, como se fosse com leite ; os prantos da viuva são a seus ouvidos como instrumento de suave musica.

Seu coração se tem endurecido com o amor das riquezas ; já nenhuma afflicção, nenhuma calamidade fazem sobre elle impressão.

Mas a maldição da iniquidade o persegue por toda a parte, vive em continuo temor ; a ancia do seu espirito, e a voracidade dos desejos da sua propria alma tomão sobre elle vingança das calamidades que elle tem semeado pelos outros.

Oh ! que são as miserias da pobreza, se as compararmos com os tormentos que padece o coração de um tal homem !

Conforte-se pois o necessitado, e receba alegria, porque para isso tem muitos e grandes motivos.

Assentã-se á sua parca mesa pacifica-

mente, que não está cercada de lisongeiros e devoradores.

Não se vê embaraçado com uma vã comitiva de subditos nem perseguido com os clamores de homens importunos; excluso das iguarias dos ricos, não padece suas doenças.

Não é porventura o pão que come doce ao seu paladar? a agua que bebe aprazível á sua sêde? Sim, na verdade lhe é mais delectavel que todas as preciosas iguarias e bebidas dos insaciaveis glotões.

O trabalho conserva-lhe a saude, e desta sorte alcança um doce descanso, que o leito soporifero da preguiça inteiramente ignora.

Humilde põe limites a seus desejos, e a serenidade do contentamento conforta mais a sua alma que todas as riquezas e honras

que o mundo pôde dar junto com todos os seus dourados prazeres.

Não se glorie pois o opulento das suas riquezas, nem o necéssitado na sua pobreza deixe abater-se-lhe o animo, porque a Providencia Divina distribue a um e a outro a felicidade, e faz esta distribuição com maior equidade, do que o louco pôde conceber.

SECÇÃO III.

**Amos e criados.**

Não te lastimes, ó homem, se a Providencia te tem collocado no estado da sujeição, pois Deos assim o determinou; e alcanças muitas e grandes vantagens, afastando-te elle dos cuidados e inquietações da vida.

A honra de quem serve é a sua fidelidade,

suas mais illustres virtudes são a submissão e a obediencia.

Soffre pois as reprehensões de quem serves ; e quando elle te argúe , não lhe respondas : o silencio da tua resignação não será sepultado no esquecimento.

Sê solícito dos seus interesses, sê diligente nos seus negocios, e fiel ao cargo de que elle te julgou digno depositario.

Todo o teu tempo, e o suor de teu rosto lhe é devido ; não o defraudes pois de um nem de outro, conhecendo que elle te remunera com a sua paga.

E tu , que és senhor, sê justo para com quem te serve, se esperas que elle te seja fiel ; e sê racionavel no que lhe ordenas, se esperas uma prompta obediencia.

O espirito do homem se concentra nelle ;

a severidade e rigor lhe podem, sim, causar temor. mas nunca apoderar-se do seu amor.

Moderar a reprehensão com a benignidade, e a autoridade com a razão; assim verás as tuas admoestações arrebatarem seu coração, e a sua obrigação voltar-se em seu recreio.

Este se occupará no teu serviço fielmente, movido pela gratidão; obedecer-te-ha com alegria, vencido pelo amor, e não deixes tu, quanto está na tua mão, de recompensar como deves a sua diligencia e fidelidade.

SECÇÃO IV.

**Magistrados e vassallos.**

O' tu, favorecido do Céu, que os filhos dos homens teus iguaes têm elevado ao soberano poder, e feito director de si mesmos, considera os fins e importancia do cargo de que elles te incumbem, ainda muito mais importante do que a dignidade e soberania da tua condição.

Contempla-te revestido de purpura, e collocado sobre um throno ; a corôa da magestade cinge as tuas fontes ; o sceptro do poder se tem depositado nas tuas mãos, mas estes signaes de superioridade não te forão dados para ti mesmo, não intentados para tua propria utilidade, mas sim para a utilidade da tua patria.

A gloria de um rei é a felicidade de seus vassallos, seu poder e dominio está na sua maior firmeza, quando elle possue os corações de seu povo.

O animo de um grande rei se exalta com a sublimidade do seu Estado ; revolve nelle altas façanhas, e prosegue idéas dignas do seu poder.

Convoca para uma assembléa todos os sabios de seu reino, consulta com elles

livremente, e ouve os pareceres de todos.

Olha o seu povo com olhos de discernimento, adquire conhecimento das differentes prendas dos homens, e occupa-os segundo os seus merecimentos.

Seus magistrados são justicçosos, seus ministros sabios; e o escolhido, a quem elle se digna descobrir o peito, não o engana.

Anima as artes liberaes, e ellas florescem; as sciencias se adiantão cultivadas pela sua mão incansavel.

Os doutos e engenhosos fazem todas as suas delicias, acende em seus peitos uma louvavel emulação, e a gloria do seu reino se exalta pela sua industria e fadigas.

O espirito do negociante, que estende o commercio; a pericia do lavrador que fertilisa as terras; a ingenuidade do artista, os

progressos do sabio, a todos estes elle honra com o seu patrocínio, ou os remunera com liberalidade.

Funda novas colonias, edifica fortes náus, abre rios para commodidade dellas; forma portos para a sua segurança, seu povo abunda em riquezas, e o poder de seu reino se augmenta.

Ordena seus decretos com equidade e sabedoria, seus vassallos gozão dos fructos de suas fadigas em segurança, e a sua maior felicidade consiste na pontual e recta observancia das leis.

Funda os seus juizos nos principios da clemencia, mas no castigo dos transgressores mostra-se severo e imparcial.

Dá sempre attentos ouvidos ás suppli-

cas dos seus vassallos, refreia a mão do oppressor, e livra a todos da sua tyrannia.

Estimulado seu povo destes motivos, considera-o como pai, tributando-lhe reverencia e amor; olha-o como defensor de todos os bens que goza.

Seu affecto para com elle acende-lhe no peito o amor do bem commuin; a segurança da sua felicidade é o objecto de todos os seus cuidados.

Nenhunas murmurações contra o seu governo se levantão nos seus peitos, as machinações dos seus inimigos não poem em perigo os seus Estados.

Seus vassallos se ostentão com fidelidade e firmeza na sua causa: poem-se na sua defesa, como um muro de bronze; o exercito

**de um tyranno vóá diante delle, como o pó
diante do vento.**

**A segurança e a paz constituem a benção
do domicilio do seu povo, e a gloria, o poder
cercão seu throno para sempre.**



PARTE VI

—

DAS OBRIGAÇÕES SOCIAIS.

SECÇÃO I.



A benevolencia.

Quando tu, ó homem, consideras tuas necessidades, quando olhas tuas imperfeições, confessa, ó filho da humanidade, a **beneficencia** daquelle que te honrou com a **raza**, que te dotou com a **falla**, e collocou **na sociedade** para dares mutuos auxilios, e

praticares mutuas obrigações para com teus semelhantes.

O teu sustento, teu vestir, tua conveniente habitação, o estares protegido de injurias, o gozares das consolações e prazeres da vida ; todas estas cousas tu as deves á assistencia dos outros ; e não as poderias certamente desfructar senão nos vinculos da sociedade civil.

É, pois, o seres amigo do genero humano, cousa a que estás obrigado ; da mesma sorte que é para teu proveito que os homens estejão em amizade contigo.

Assim como a rosa respira doçura da sua propria natureza, da mesma sorte o coração de um homem benevolo dá á luz obras dignas de imitação.

Goza da paz e tranquillidade do seu proprio

coração, e alegra-se com a felicidade e prosperidade dos seus vizinhos.

Recusa dar atenção á maledicencia; os erros e os defeitos dos homens causão-lhe dôr no seu peito.

Todos os seus desejos se dirigem a obrar bem, e procurar opportunas occasiões para alcançar esse fim: dando allivio aos outros, allivia-se a si mesmo.

Tal é a grandeza de seu espirito, que seus desejos abração ainda a felicidade commum, e tal a generosidade de seu coração, que se esmera em a promover.

SECÇÃO II.

**A justiça.**

A paz da sociedade depende da justiça : a felicidade dos individuos do tranquillo e seguro gozo de todos os seus bens.

Conserva pois os desejos de teu peito dentro dos limites da moderação , permite que a mão da justiça lhes sirva de guia fiel.

Não lauces olhos invejosos sobre os bens

de teu vizinho, reputa como sagrado tudo o que lhe pertence.

Não te deixes por tentação, nem provocação alguma, allucinar, para levatares a mão contra elle, e pôres em perigo a sua vida.

Não deites a perder a sua fama, não testemunhes falsidades para o opprimires.

Não corrompas seu servo para lhe ser falso ou abandona-lo, e, quanto á mulher do seu seio, oh ! não a tentes por modo algum a peccar.

Pois isto affligirá de tal sorte seu coração, que tu o não poderás alliviar ; fará tal injuria á sua vida, que nenhuma reparação poderá equivaler.

Em todos os teus negocios com os homens seê imparcial e justo ; e obra com elles como

quererias que elles obrassem para contigo.

Sê fiel no teu cargo, e não enganes ao amigo que de ti faz confidencia; tem por certo que é menos facinoroso aos olhos de Deos o roubar, que o commetter uma traição.

Não opprimas o pobre, e não defraudes do seu jornal o trabalhador.

Quando tu vendes por lucro, ouve a consciencia que te admoesta, e contenta-te com um ganho mediocre: nem tires vantagem alguma da ignorancia do comprador.

Paga as dividas que contrahiste - pois aquelle que se fiou de ti não duvidou da tua hora; e o reter o seu direito não é sómente vileza mas injustiça.

Finalmente, ó filho da sociedade, examina

teu coração, chama a memória para teu socorro, e se em qualquer destas cousas conheceres que tens transgredido, enche-te de pezar e vergonha, e faze quanto cabe no possível para acceleradamente o reparares.



SECÇÃO III.

**A caridade.**

Feliz daquelle que tem semeado no seu peito as sementes da benevolencia, pois o fructo que ellas hão de produzir é a caridade e o amor.

Da fonte de seu coração se derramão rios de beneficencia ; e as correntes transbordão para o beneficio do genero humano.

Este ajuda o pobre na sua afflicção; e tem a maior alegria promovendo a prosperidade de todos.

Não censura o seu vizinho, não dá credito aos ditos dos invejosos e malevolos, nem tambem publca suas calumnias.

Perdôa as injurias dos homens, e risca-as da sua memoria : a vingança e o odio não achão entrada em seu coração generoso.

Não paga um mal com outro mal; não tem odio ainda aos seus inimigos, mas recompensa a sua injustiça com amigaveis conselhos.

As penas e as miserias dos homens excitão a sua compaixão, faz todo o possivel para dar allivio ao peso de suas calamidades; e o gosto de ver o successo corresponder aos seus desejos remuera-lhe o trabalho.

Abranda a furia, compõe as contendas dos homens irados, e esforça-se em prevenir as más consequencias das lutas e inimizades.

Promove na sua vizinhança a paz e a boa concordia, e o seu nome se ouve repetido com mil louvores e benções.

SECÇÃO IV.

**A gratidão.**

Assim como os ramos de uma arvore voltão o seu succo para a raiz d'onde o extrahirão ; assim como o rio lança suas correntes para o mar d'oude trouxe a sua origem ; da mesma sorte o coração de um homem agradecido se deleita retribuindo um beneficio recebido.

Confessa suas obrigações com alegria, olha o seu benfeitor com amor e estimação.

E se não pôde recompensa-las, conserva com prazer a lembrança dellas no seu peito, e não as esquece todos os dias da sua vida.

A mão do homem generoso é como as nuvens do céu, que derramão sobre a terra fructos, hervas e flôres: o coração do homem ingrato é como um deserto de areia, que traga com voracidade as chuvas que cahem; enterra-as nas suas entranhas, e nada produz.

Não invejes a teu benfeitor, nem queiras occultar os benefícios que elle te conferio; porque ainda que fazê-los é melhor que recebê-los, ainda que o acto da generosidade pede a nossa admiração, comtudo a humildade da gratidão penetra o coração, e é

**amavel aos olhos assim de Deos como dos
homens.**

**Mas não recebas favor algum da mão do
soberbo ; não devas obrigações aos interes-
sados e avarentos : a vaidade da soberba te
exporá á vergonha ; a voracidade da avareza
nunca será satisfeita.**

SECCÃO V.

**A sinceridade.**

O' tu que te namoras da verdade, e admiras com todo o teu coração a simplicidade dos seus encantos , permanece firme na tua fidelidade para com ella , e não queiras abandona-la ; a constancia da tua virtude te coroará com uma esplendida corôa de honra.

A lingua do homem sincero lança profundas raizes no seu peito; a hypocrisia e o engano não entrão nas suas palavras.

A sua face se córa á vista da falsidade, e fica confundido; pois tem os olhos sempre fixos em fallar a verdade.

Sustenta varonilmente a dignidade do seu character: tem por desprezo o abaixar-se ás vis artes que ensinão a hypocrisia.

Sempre attende ao decoro em todas as suas acções; e jámais nellas se vê embaraçado: tem animo de sobejo para fallar a verdade, porém a mentira, teme dizê-la.

Seu espirito elevado despreza a baixaza da dissimulação; as palavras da sua lingua são os seus interiores sentimentos.

Comtudo, não abre seus labios sem a

devida prudencia e cautela ; considera o que é justo, e falla com discrição.

Aconselha como amigo, crimina como desapaixonado ; e tudo o que promettê, sêguramente o cumprirá.

Mas o coração do hypocrita se esconde no seu peito, finge as suas palavras, e dá-lhe o colorido da verdade, quando toda a occupação da sua vida é unicamente o enganar.

Elle ri-se no meio da tristeza, chora no meio da alegria, e as palavras que profere não se podem por modo algum interpretar.

Trabalha, qual toupeira, na escuridade, e julga-se em segurança ; mas sabe confusamente á luz, e vê-se entregue e exposto com a cabeça coberta de immundicias.

Passa os seus dias em um continuo cons-

**trangimento, sua lingua e sen coração jámais
conhecem concordia.**

**Trabalia por parecer justo aos olhos dos
homens, e alegra-se interiormente reflectin-
do na sua vileza.**

**O' louco, louco! o trabalho que tomas
para dissimulares o que és, excede ao que
terias em seres actualmente o que desejas
parecer; os filhos da sabedoria escarnecerãõ
da tua vileza, quando no meio da segurança
tua mascara te fôr tirada, e o dedo da zom-
baria apontará tua vergonha.**



PARTE VII

—

DA RELIGIÃO.

DA RELIGIÃO.



Não conhecemos no mundo senão um só Deos, o autor, o creador, o director do mundo, todo poderoso, eterno e incomprehensivel.

O sol não é Deos, posto que a sua mais nobre imagem; elle allumia o mundo com o seu resplendor; seu calor dá vida a todos

os fructos da terra; admira-o como creatura, como maravilhoso instrumento de Deos, mas não o adores.

Ao unico que é supremo, o mais sabio e benefico, a elle só pertence o culto, a adoração, as graças e os louvores.

Quem é que estendeu os céos tão dilatados com as suas mãos, e que delineou com o seu dedo o curso das estrellas?

Quem põe limites ao vasto oceano, os quaes não póde passar, e que diz aos ventos tempestuosos — abrandai?

É este mesmo que faz tremer a terra, e os povos se aterrão: que lança relampagos, e os malvados se confundem.

Que crêa mundos com a simples virtude da sua palavra, que os fêre com o braço, e ficão aniquilados.

« Oh! reverência a magestado do Omnipotente ; não provoques a sua ira, pois ella saberá tomar severa vingança. »

A providencia de Deos se estende sobre todas as suas obras ; elle governa e dirige o mundo com suuma sabedoria.

Estabeleceu leis desde o principio para esse fim, e as variou de uma pasmosa maneira para com todas as suas creaturas ; e cada uma dellas, segundo a sua natureza, se conforma com a sua divina vontade.

Na profundidade dos seus juizos, revolve toda a sciencia ; os segredos do futuro estão inteiramente patentes a seus vigilantes olhos.

Os pensamentos do teu coração, elle os vê como á luz do claro dia ; conhece as tuas resoluções antes de as teres formado.

Concernente á sua presciencia nada ha contingente ; concernente á sua providencia nada ha casual.

É maravilhoso em todos os seus caminhos, suas disposições são inscrutaveis, os meios da sua sciencia transcendem a tua comprehensão.

Tributa pois á sua sabedoria toda a honra e veneração ; encurvæ-te em signal da tua humilde e submissa obediencia á sua suprema direcção.

O Senhor é cheio de graça e beneficencia ; creou o mundo pela sua misericordia e amor.

A sua bondade se declara nas suas obras ; elle é a fonte da excellencia, o centro da perfeição.

As creaturas que as suas mãos formárão

testemunhão á sua bondade ; e todos os gozos que lhe são proprios declarão os seus louvores. Elle reveste-as de belleza ; sustenta-as com mantimento ; perpetua-as com benignidade por gerações infinitas.

Se levantarmos os olhos para os céos, sua gloria nelles resplandece ; se os abaixarmos para a terra, vemo-la cheia da sua bondade ; os montes e os valles se alegrão e cantão ; prados, rios e bosques resôão os seus louvores.

Mas, ó homem, este mesmo Deos elegeu-te a ti como mais nobre, para felicissimo objecto da sua especial beneficencia, e exaltou o teu estado acima de todas as creaturas.

Elle te dotou com razão para sustentares o teu dominio : deu-te capacidade para a

linguagem, para teu adiantamento na sociedade ; sublimou o teu animo com as potencias da meditação, para contemplanças e adorar as suas inimitaveis perfeições.

E quanto ás leis que ordenou como regra da tua vida, tão benignamente constituiu a união da tua obrigação com a tua natureza, que obedecendo aos seus preceitos procura a tua propria felicidade.

Oh ! louva a sua bondade com canções de graças, e medita silenciosamente nas maravilhas do seu amor ; o teu coração transborde com gratidão e reconhecimento, a linguagem dos teus labios pronuncie os seus louvores e adoração ; as acções da tua vida mostrem teu amor ás suas santas leis.

O Senhor é justo e recto, e julgará a terra com justiça e verdade.

Não tem elle estabelecido as suas leis com bondade e misericórdia, e não castigará elle os que as transgredirem ?

Oh! não te persuadas, homem temerario, porque o teu castigo se demora, que o braço do Senhor se enfraqueça, nem te lisongeias com as esperanças de que elle dissimula as tuas faltas.

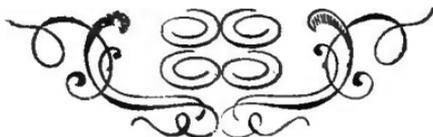
Seus olhos penetrão os segredos de todos os corações, e elle se lembra delles para sempre : não attende ás pessoas, nem aos estados dos homens.

O soberbo e o humilde, o rico e o pobre, o sabio e o ignorante, livrada a alma dos molestos vinculos desta vida mortal, hão de receber igualmente da sentença de Deos uma justa e eterna recompensa, segundo as suas obras.

Então os malvados estremecerão e terão summo temor, mas o coração do justo se alegrará com sua sentença.

« Teme pois o Senhor todos os dias da tua vida, e anda pelos caminhos que elle abriu para teu curso. A prudencia te admoeste ; a temperança te constranja ; a justiça conduza as tuas mãos ; a benevolencia dê calor a teu coração ; e a gratidão para com o Céu te inspire a devoção. Estas cousas te farão feliz no estado presente, e te conduzirão ás habitações da eterna felicidade no paraiso celestial. »

Estes são os verdadeiros Preceitos da vida humana.



DO
DEVER DA JUSTIÇA.



PELO
VISCONDE DE CAYRÚ.

DO DEVER DA JUSTIÇA.

Justiça, no seu mais extenso significado, denota a disposição do espirito em julgar dos actos humanos, nossos e alheios, só conforme ao real merito do caso, sem considerações de philautia, conveniencia, e parcialidade. Os jurisconsultos e moralistas definem o *dever da justiça*, o constante exer-

cicio de dar a cada um *o que é seu* (Suum cuique). Elles a distinguem em *justiça commutativa*, e *distributiva*. — Não entro aqui em explanação de assumpto que mais pertence á jurisprudencia que á ethica: res-trinjo-me portanto ao que é immediato objecto da moral publica.

I.

Da offensa á pessoa.

Offensa á pessoa se commette no ataque ao corpo, de que resulta perigo, ameaçado ou effectivo, de ferimento, dôr, morte. É escusado dizer, que o ataque de que resultou a perda da vida é o mais nefario, por ser de *mal irreparavel* ao offendido, e, muitas vezes, de ruina á sua família, e até

de grave damno ao Estado. Já se subentende que trata-se de *homicidio voluntario*, e não por *defensão necessaria* contra *injusto aggressor*.

A adoravel Providencia, cuja bondade não se estende só á salvação da especie humana, mas tambem á de cada individuo della, pôz fortissimo freio á impetuosidade dos violentos, e matadores: 1º, no horror que toda a pessoa (a não ser desalmada) tem á effusão de sangue humano: 2º, no valor com que, ao brado do offendido, os vizinhos correm a repellir, ou prender o offensor: 3º, no ardor popular, com que se cõdemna o homicida, e se reclama o seu prompto castigo: 4º, no terror do criminoso, que, no geral, logo foge, e se occulta: 5º, no remorso que o atormenta, e que tem impellido a

muitos malvados a se offerecerem á justiça, e confessarem seu delicto : 6º, nos vestígios, que, por mais cautelas que tome o delinquente, quasi sempre deixa do crime, e que depois manifestão a culpa, e impossibilitão a impunidade.

Por desgraça da sociedade civil, a malícia humana frequentemente inutilisa estas provisões da benignidade divina, ainda nos mais cultos Estados, não obstante o terror do patíbulo e as penas graves com que os legisladores têm pretendido reprimir os attentados dos maliciosos contra as pessoas dos cidadãos, quando são agitados pelas fúrias das paixões irracionaes, especialmente da soberba, vingança, lascivia, rapacidade, ambição.

Até falso ponto de honra ainda presente-

mente nos paizes da christandade é causa de mortiferos duellos, e muitas vezes por leves e phantasticas offensas. No corpo militar predomina a terrivel opinião de ser desprezado por cobarde o que não aceita o desafio: assim se faz obstinada e publica infracção das leis que o prohibem. Tão prepotentes são os máos exemplos e costumes, ainda contra estatutos rigorosos! Tem-se pretendido palliar esta enormidade, com o pretexto de animar o valor do povo, e pollir todas as classes, para serem civis, e se absterem de injurias. Mas os Gregos e Romanos forão heróes sem serem duellistas.

Pela corruptela da sociedade, em tão pouco se avalia a vida dos homens (primeiro dom do Creador) que, referindo-se batalhas, quando a victoria não custou dezenas

de milhares de vidas diz-se *friamente* no vulgo, e ainda nos circulos acima do vulgo — *Não foi grande a mortandade.*

Nos paizes de despotismo, e de captivoiro, em que a vida dos homens não está sob a protecção da lei, mas á mercê do despota e senhor, a *força dos exemplos* de arbitrariedade, e crueza, familiarisa ainda nas classes inferiores o *habito de violencia*, que quasi extingue o *sentimento de justiça* (*), e produz indifferença á oppressão, insensibilidade aos males alheios, arrogancia nos superiores, villania nos inferiores.

Esta desordem é maior nos paizes em que

(*) Entre nós, é quasi quotidiano ouvir dizer — Isto só se leva a *páo*, e a *tiro*, etc. Das ameaças ás malfetorias não vai grande distancia.

a justiça não é vigilante em punir malfeitos, e aos que abusão da autoridade.

Novadores litterarios negão direito aos governos de matar ainda aos mais horriveis matadores : elles têm cahido no extremo opposto dos legisladores deshumanos, que, sem calcularem classes de delictos, e proporções de penas, fizerão *codigos de Draco*, em que se diz terem sido as leis *escriptas com sangue*; ordenando torturas, e castigos capitaes por crimes leves. Esses escriptores reproduzem os maiores delictos pela impunidade, e, de facto, vêm a dar aos malvados o *privilegio exclusivo de tirarem a vida*.

Alguns soberanos philantropos têm tentado governar os povos sem impôr, em caso algum, a pena de morte, com o pretexto de que só Deos póde tirar a vida que deu aos

homens ; que a historia e experiencia mostra, que, onde são mais frequentes os ultimos supplicios, os povos são mais ferozes, insentimentaes, e malvados ; que é melhor, por boa educação do povo, e vigilante policia, antes prevenir que punir os crimes. Sem duvida muito pôde a boa educação : mas as classes infimas em nenhum paiz a têm, ou podem ter : e nem ainda a religião reprime sempre os abortos da malicia de todas as classes das nações, antes declara que os governos humanos são ministros de Deos para terror dos máos, e que — não sem causa trazem a espada.

II.

Offensa á propriedade.

Offensa á propriedade é mui frequente, ainda nos Estados onde a lei e a administração dão a maior segurança ao direito da propriedade, e o espirito de honra nacional constitue infames os convencidos de ladroeira.

Alguns povos barbaros não têm o menor

remorso de praticarem a rapina e pirataria, e até com a deshumanidade de reduzirem á escravidão as victimas de sua rapacidade. Entre as nações civilisadas se pratica o *corso* em tempo de guerra, e o *confisco* em tempo de paz, contra os particulares, que fazem innocente commercio, predominando leis hostis, e fiscaes, que bem attestão a decadencia da constituição da humanidade, e o tenue influxo da moral publica nos conselhos dos Estados.

Nas transacções ordinarias da sociedade civil, se commette offensa á propriedade por multiplicadas maneiras em que se atacaõ, deteriorão, e diminuem os bens alheios. As principaes são força, fraude, ardileza. Raras são as pessoas de consciencia tão delicada e escrupulosa, que a esse res-

peito guardem a perfeita justiça, não se prevalecendo de circumstancias favoraveis a fazer o seu interesse á custa de seus concidadãos, tirando nos contractos partido da riqueza e sagacidade propria, e da miseria e inexperiencia alheia (*), para ganhos usurarios, e iniquos.

Quantos ha (ainda de homens publicos) que abusão da dignidade e amizade, para obterem emprestimos, de que reconhecem não se poderem desempenhar? Taes dividas são *extorsões em disfarces, e espolios da pro-*

(*) O escriptor da bem conhecida novella de Gilbraz pinta ao vivo o trato ardiloso de um mercador, que, dizendo-lhe um candido comprador, que nada entendia do valor das fazendas que descjava, e por isso inteiramente se confiava na sua consciencia, respondeu com dolosa astucia — como falla-me em consciencia, fallou-me no meu fraco — : sobre o que reflecte o escriptor : *e na verdade não era o seu forte.*

priedude.— E poderão dizer ter *limpeza de mãos*?

A tentação deste vicio recresce à vista de *dinheiro*, que se acha, ou confia, por ser o representante de todos os valores, e facil de occultar-se. Por isso as leis são rigorosas contra os que não entregão os *depositos*. Até passa em proverbio — Na *arca aberta o justo pecca*.

A cubiça e inveja estão sempre de olhos abertos, e garras promptas, para sorpresa das propriedades. Como a propriedade é a base da civilização, por ser a accumulção dos fructos do trabalho necessario, e industria activa, de que provém a subsistencia, riqueza, e força das nações, e, sem a sua segurança, não póde haver animação para as empresas penosas da cooperação social,

a moral publica condemna toda a offensa á propriedade, sendo só indulgente nos casos de *real necessidade*. Felizmente nos paizes em que predomina a religião christã, e governo protector, que promove a geral industria, o corpo do povo guarda extensamente o preceito do decalogo — *Não furta-rás* (*).

(*) No Brasil ainda os escravos costumão dizer — *tudo serei, ladrão não*.

III.

Offensa á honra.

Offensa á honra se commette principalmente por quatro maneiras : por — injuria, calumnia, diffamação, libertinagem —, com que se ataca, ou diminue, a estima, reverencia e confiança que se tem aos outros homens. Por tal offensa se damna o character e credito dos mais probos cidadãos, que

aliás apreciação o seu *bom nome* como o mais solido patrimonio civil, preferindo a sua reputação á propria vida. Toda a pessoa prejudicada em sua fama ainda que seja mui habil, e digna para serviço do Estado, perde a opinião publica, e a consideração do seu governo, e se impossibilita a ser util á nação. Tão severo é o juizo do genero humano contra quem se suppõe máo ou vil! O testemunho da consciencia do homem probo é o seu unico escudo contra essa calamidade. A mais pura virtude se eclipsa sendo assombrada por tal offensa.

E' magnanimidade perdoar as injurias, ainda as mais atrozes: porém tal é a injustiça das nações desmoralisadas, que impoem o ferrete da ignominia, não só a quem

não se desaffronta com a vingança do duello, expondo a vida com temeridade contra o aggressor de brutá força, mas até ao que recorre á justiça para o legal desaggravo ; e o mal é mais irreparavel ou de leis fronxas, e juizes indifferentistas, mostram, pela insignificante reparação, que avalião *quasi em nada* a honra dos cidadãos.

A *calumnia* equivale á *punhalada*: a sua ferida é como a da flecha aspada envenenada que traspassa as entranhas, se o objecto é de interesse vital. Difficilmente se dissipa a impressão no vulgo contra o virtuoso calumniado. O calumniador é conspirador contra a probidade, e é pouco menos (se não mais) horrivel inimigo que o assassino.

Pythagoras, que seguia o systema da *transmigração das almas*, costumava dizer

que o espirito do calumniador, no seu estado de preexistencia, era o de uma serpente; e que em futura metamorphose, animaria o corpo de um escorpião.

O moderno escriptor inglez das *Bellezas e Harmonias da Natureza*, no vol. 3º, pag. 271, divide o calumniador em tres classes: 1ª, o inventor da calumnia; 2ª, o propagador por malicia; 3ª, o disseminador por leviandade: o primeiro é vil como o valentão (*bravo*) da Italia, e que apunhala no escuro com o seu sovelão (*stillêto*); o segundo é igual ao receptador de furto; o terceiro dorme tão tranquillo sobre a calumnia, como se estivesse reclinado á verdade.

O grego moralista Luciano descreveu a admiravel pintura, que Appelles fez da ca-

lunna. Esta é conduzida pela *credulidade*, que se figura com largas orelhas, e vagabundos olhos, trazendo a *suspeita* e *ignominia*. Tem na mão esquerda um facho aceso, e com a direita arrasta a um joven, que em voz balbuciente, e mãos alçadas, supplica o auxilio do Céu : de um lado está a *conspiração*, de outro a *fraude*. Vem de longe o *arrependimento* com aspecto melancolico e vestido rasgado : por fim vê-se a *verdade* meditando sobre a crueza da scena.

A calunnia, quando ataca a communi-
dades, impossibilita por seculos a justiça dos governos, e a melhora dos povos. Recordo aqui, por exemplo, a calunnia que os protestantes em Inglaterra fizeram aos catholicos do paiz, attribuindo á *facção de papistas* o incendio de grande parte de Londres no

reinado de Carlos II, quando aliás por devassa ordenada pelo parlamento se provou ter sido accidente casual, pelo fogo communicado de uma padaria, que rapida e irresistivelmente se propagou por causas phisicas. Não obstante a evidencia do facto, se levantou um monumento em que se perpetuou a calumnia. O historiador da *Historia da Inglaterra* (Hume) sobre isso no cap. 64 faz a seguinte reflexão : « tão credulo e obstinado é o povo em se capacitar de tudo que lisongeia a sua paixão dominante ! » O resultado tem sido, que, não obstante as continuas e submissas supplicas dos Irlandezes catholicos, as energicas fallas dos mais distinctos oradores de ambas as camaras, o progresso da civilização do povo, e o espirito de *tolerancia* do se-

culo, o governo é pertinaz em não conceder aos catholicos do Reino-Unido a *igualdade de direitos* dos mais subditos britannicos ; o que tem perpetuado o estado desaffectedo e convulso do tão importante Estado da Irlanda, que ora consta ter por isso formado a *Associação Catholica*, com attitudede de extorquir por força o que lhe era devido por justiça.

A *diffamação* é de quasi tão maligno effeito como a calumnia : só se differença em que esta imputa crime inexistente, e aquella publica o *vicio* ou *erro occulto*. O mal do descredito é igual, e a offensa á justiça é incontestavel. Quem se mostra isento de fragilidade humana e ainda de graves defeitos ? Quem é o virtuoso sem mancha ? Onde se acha o *character perfei-*

to (*)? Todavia a pessoa que evita escandaloso tem direito á sua reputação. Não se escusa o diffamador com dizer, que é verdade o que afirma, se tira o credito de quem era havido por *homem bom*, e muito mais se o facto imputado não é offensivo do mesmo diffamador, nem do Estado. Por senso commum do genero humano se louva ainda o socio do crime, que não diffama os compa-
nheiros, nem dilata ou declara os complices, ainda em torturas de juizo.

Muita gente, que se préza de civil, não escrupulisa em companhias decentes de propagar anedotas da que chamão *chronica escandalosa* de familias ; e até se tem feito *historias secretas* de côrtes, em que se

(*) É dito do vulgo. Não ha heróe para o seu criado de camara.

referem factos, que nunca transpirarão no publico, diffamatorios da memoria de vivos e mortos. Taes diffamadores são pouco menos execraveis que os calumniadores. Isso é menos inescusavel tendo por causa a leviandade de divertir-se á custa alheia.

O professor Brawn faz as seguintes reflexões no vol. 4º, leitura 74, pag. 224:

• Quando os propagadores de contos de escandalo pensão que se justificão, offerecendo-se a provar a *verdade dos vicios* e defeitos das pessoas que diffamão, esquecem-se da propria injustiça com que calão as virtudes de taes pessoas. Se fosse licito não louvar o que é excellente no character de alguem, e só arguir o que ha defeituoso nelle, as personagens mais illustres do

genero humano, sem violação da verdade biographica, cessarião de ser illustres. »

A libertinagem é offensiva da honra dos pais de familias, como a espionagem e traição são da dos governos das nações : ás vezes ainda é mais execravel, pela negra aleivosia com que o impudente intrigante, até prevalecendo-se da confidencia e amizade, insidiosamente ataca o santuario das casas honestas, como o nocturno salteador. Os libertinos são quasi demonios, que, roubando a affeição das mulheres aos maridos, das filhas a sens progenitores, e tutores, commettem adulterio, estupro e rapto, e aniquilão a ordem moral no seio da felicidade domestica. O mal é cruel pela circumstancia de que (com alguma razão) no juizo do publico se imputa deshonra aos

chefes das familias por taes factos (de que aliás ás mais das vezes nem têm suspeita pela boa fé em que vivem) : visto que a severidade dos censores os attribue á falta da vigilancia na inspecção que devião ter em todos que estão sob sua guarda. A horribilidade de tal malfetoria ainda mais se patenteará nas observações ao art. V.

IV.

Offensa á confidencia.

Offensa á confidencia se commette, quando se falta á *veracidade* por palavra, escriptura, obra. Pela constituição da humanidade, toda a pessoa instinctivamente confia nas declarações de seus semelhantes, suppondo-as verdadeiras, crendo que a lingua sempre, em via de regra, exprime

o sentimento do coração. Bem assim se explica o citado professor na pag. 224:

« E' tão grande a felicidade da vida social, que se deriva do uso da falta, e seria tão inutil a faculdade da linguagem, se a verdade a não dictasse, que o abuso da confidencia que se põe em as nossas declarações, não só seria no mais alto gráo injurioso ao individuo enganado, mas tambem tenderia, se fosse geral, a fazer retroceder a nossa especie ao estado selvagem. Não admira pois, que a *veracidade*, que é tão importante á felicidade de todos, e contudo sujeita a tantas tentações do interesse pessoal para violação della, seja entre todas as nações classificada em mui sublime gráo das virtudes.

« Esta virtude é tão essencial no com-

mercio da vida, que toda a p̄essoa, se consultar a sua consciencia experimentarã que, para dizer falsidade, sente penoso esforço em reprimir a verdade, a qual parece que nos salta, involuntaria e inadvertidamente, da lingua. Alguns philosophos têm notado, que a natureza nos deu duas instinctivas tendencias : — tendencia a fallar verdade — e — tendencia a crer no que os outros fallão. »

Póde-se accrescentar que, sobre esse respeito, tem sido tão uniforme e vasto o influxo da moral publica, que toda a *fé historica*, d'onde emana a principal parte dos conhecimentos humanos, e a credibilidade da réligião revelada, se funda na confidencia da veracidade dos homens, que attestarão os antigos factos. A *fé judicial*

e a *fé mercantil* têm o mesmo fundamento. Não ha pessoa que não tenha por atroz injuria a arguição de mentira. Por isso as pessoas sinceras, habituadas a fallar e tratar verdade, são muitas vezes expostas a serem vitimas da fraude, e até a serem arguidas de *credulidade*, suppondo que todo o mundo falla, escreve, e procede em *boa fé*. Passa em proverbio — a *boca vai para a verdade*.

Portanto é uma das maiores *offensas* contra a justiça o induzir alguém por palavra, escriptura, ou obra, a cahir em engano, e por isso soffrer prejuizo. — Sobre as vantagens da veracidade e candura se farão mais algumas reflexões, quando se tratar das *virtudes*.

V.

Offensa á virtude.

Offensa á virtude se commette por todo o acto de seducção, com que o seductor induz a alguma pessoa a faltar a seu dever por qualquer modo que seja, como dadiua, peita, persuasão, lisonja, promessa real ou illusoria de vantagens. Enormissimas violações da justiça que de vemos aos outros ho-

mens se perpetrão, e com irreparaveis immensos males, por taes criminosos expedientes. A atrocidade da injustiça recresce quando as pessoas seduzidas ainda se achão no estado da innocencia.

A seducção das donzellas e casadas para violarem a sua virginal castidade, e infringirem a obediencia e fidelidade que devem a seus pais, e maridos, deshonorando a si proprias, e áquelles a quem devem a vida e protecção, constitue os seductores os mais perversos malfeitores da sociedade, e objectos da geral indignação, onde se respeita a moral publica. O amor com que pretextão e pallião o seu attentado, além de ser *concupiscencia* tão inescusavel como no ladrão a *cubiça*, que o tentou por arte e manha a furtar o alheio, ainda mais redobra e aggra-

va a malfetoria ; por servirem-se tão vilmente desse sagrado penhor, que o autor da natureza deu aos homens para os fins honestos da harmonia e perpetuidade da especie, sendo causa da ruina do objecto amado (que fica desprezado e desprezível pelo seu proprio sexo , e por todo o mundo), além das desordens sem conto das respectivas familias. Muita gente proba, e que tem bens da fortuna, foge de casamento, pelo receio de seducção, que libertinos impunemente fazem ás mulheres casadas, e ás filhas de boa educação.

A esta classe de violação de justiça pertence toda a sorte de peita e simonia, com que se corrompem e subornão os juizes, officiaes, eleitores , de alguma repartição da administração publica, que constituem o es-

tado venal; o que descorçôa a comunidade pelo mal (que vai além de todo o calculo) de ninguem contar com seu direito, e merito.

São não menos offensores da virtude os que seduzem a`soldados, marinheiros, artistas, lavradores, e quaesquer salariados. seja para fazerem conluios, afim de extorquirem estipendios maiores dos communs, ou ajustados, seja para desertarem do serviço, á que estavam legalmente affectos. Os seductores de servos para fugas, vilezas, e malfeitorias, são réos de igual delicto.

São finalmente dignos da maior execração, e de exemplar castigo, os seductores dos povos, quaes os *novadores* e *demagogos*, que o precipitão a tumultos, rebeldias, e revoluções, com promessas de phantasticas melhoras de sua condição, assim

adquirindo popularidade, fazendo imposturas no entendimento dos idiotas, aproveitando-se da credulidade do vulgo, para os fins sinistros de se apoderarem do governo estabelecido.

VI.

Offensa á paz.

Offensa á paz se commette por toda a sorte de intriga, com que os individuos e estadistas têm causado indiziveis perturbações, angustias, rixas, e hostilidades, destructivas da tranquillidade e paz das familias e nações. Os intrigantes são camaleões de furta-côres, que vivem de se aprazerem do mal que fa-

zem com apparencia de bem : muitas vezes affectando zelo de amizade, e interesse da humanidade, são arditos e orgulhosos, que se comprazem de seu insensivel influxo e imperio nos sentimentos dos outros homens, para lhes darem tormento de espirito, e os precipitarem a desatinos por impressões funestas.

Os soberbos, ainda sendo bemeitores, muitas vezes têm com a ostentação de sua altivez, e superioridade em nobreza, opulencia, e dignidade, o máo gosto de mortificar os beneficiados, excitando-lhes sentimentos que os fazem reconhecer a sua inferioridade.

Ha pessoas malignas, que se comprazem de exercer este cruel predominio, e se alegrão de suggerir pensamentos que podem enve-

nenar a confiança dos amigos, e fazer que as virtudes que mais amavão sejam objectos de suspeita. Elles empregão a sua máliciosa astucia e pericia em lembrar na conversação as mais desagradaveis e mortificantes recordações: — até fazem visitas de pezames, para fazer sentir mais vivamente a dôr do afflicto; — vão contar as desmerecidas maledicencias, para causar penas e excitar vinganças, ainda fingindo factos, e affectando indignação contra o calumniador e maldizente, sendo elles mesmos os maiores impostores e diffamadores.

É impossivel formar leis contra este poder dos máos em turbar a paz dos concidadãos; por isso exercem com impunidade a sua malicia; só pureza de consciencia e a extensão da moral publica podem di-

minuir este mal horrivel, que parece dictado pela malignidade dos espiritos infernaes; pois a maior complacencia dos artistas de intrigas é quando dão mortaes golpes ás victimas de sua insolencia, que se distinguão em fiel amor, e firme concordia. Por isso o poeta *Milton* no seu *Paraiso perdido* descreve sublimemente, como a origem da perdição do genero humano, o vil projecto do invejoso Satanaz, quando do alto de um planeta vio o par ditoso de Adão e Eva em deliciosa harmonia no jardim de Edém.

VII.

Offensa á equidade.

Offensa á equidade se commette quando alguém usa de seu direito com rigor extremo, sem attenção ás pessoas, e circumstancias. Na *jurisprudencia universal* se formárão as regras, que—o *exercicio de justiça rigorosa é a maior injustiça*—(*) muitas

(*) *Summum jus, summa injuria.*

cousas são licitas, mas não são honestas—()*.
Em tudo, e principalmente no direito, se
*deve attender á equidade (**).*

Assim todo o espirito recto, e coração sensível, se subleva e irrita contra o credor, que se prevalece da *núa letra da lei* para cobrar o que se lhe deve ainda do miseravel devedor, carregado de familia, que fica arruinada, e sem que o demandista com a execução judicial augmente a sua fortuna. E' não menos detestado por deshumano o que é accusador de réos de crimes leves, e maiormente por offensa á propriedade, não sendo intoleravel a perda, quando a lei

(*) *Multa licent, sed non honesta sunt.*

(**) *In omnibus, maximè in jure, æquitas spectanda est.*

impõe pena de morte. E' tambem digno de ignominia, e da nota de iniquo e descomado o que em tempo de guerra, esterilidade, fome . se prevaleçe da calamidade geral para extorquir preços desmedidos dos necessarios á vida.

Regra geral.

Para fazermos justiça exacta aos outros homens, convém pôrmo-nos pela imaginação em seu lugar, e considerarmos se de bom grado receberíamos, ou soffreríamos, o mal e damno, que somos tentados a fazer-lhes por algum dos attentados expostos.

Se os homens bem guardassem o *dever da justiça*, a sociedade civil seria incom-

paravelmente mais universal, pacífica, industriosa, rica, intelligente, e virtuosa, do que tem sido, e ainda é. Pelas accumuladas injustiças dos povos, e governos, vem a ser incalculavel a perda, e a falta de reproducção dos uteis productos da natureza e arte, e, em consequencia, o atraso da intelligencia dos homens em conhecimentos das leis e obras da creação, que aliás terião por effeito do maior descanso e estudo de grande numero de pessoas não necessitadas a trabalhos mecanicos; o que é infallivel resultado da superabundancia dos bens da vida. Então seria tambem ménor a necessidade do exercicio da *benevolencia*.



INDICE

INTRODUCCÃO.	PAG.	5
PARTE I. Das Obrigações que dizem respeito ao homem considerado como individuo.		9
Secção I. A Consideração		11
II. A Modestia		14
III. A Applicação		17
IV. A Emulação		21
V. A Prudencia		25
» VI. A Fortaleza		30
VII. O Contentamento		34
» VIII. A Temperança		38
PARTE II. Das Paixões		45
Secção I. A Esperança e o Temor		47
» II. A Alegria e a Tristeza		50
III. A Colera		55
IV. A Compaixão		59
V. O Desejo e o Amor		62
PARTE III. A Mulher		65
PARTE IV. A Consanguinidade ou Parentes naturaes.		73
Secção I. Marido		76
II. Pai		79

INDICE.

Secção III. Filho.	PAGINA	82
» IV. Irmãos		85
PARTE V. A Providencia ou as differenças ca- suaes entre os homens.		87
Secção I. Sabios e ignorantes.		89
II. Ricos e pobres.		93
III. Amos e criados		99
IV. Magistrados e vassallos		102
PARTE VI. Das obrigações sociaes.		109
Secção I. A Benevolencia.		111
II. A Justiça		114
III. A Caridade		118
IV. A Gratidão		121
V. A Sinceridade		124
PARTE VII. Da Religião.		129
<hr/>		
DO DEVER DA JUSTIÇA, pelo visconde de Cayrú		139
I. Da Offensa á pessoa .		143
II. Offensa á propriedade:		150
III. Offensa á honra		155
IV. Offensa á confidencia .		160
V. Offensa á virtude		176
VI. Offensa á paz.		175
VII. Offensa á equidade.		179
Regra geral .		181

Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMER, rua dos Invalidos, 61 B.

